Correio da Manhã



Divulgação

#cm2

SEGUNDA-FEIRA

CINEMA, *teu lugar é na rua*

Recém-reaberto ao público, o **imponente Cine Odeon, na Cinelândia,** é o carro-chefe de um **amplo programa municipal de revitalização dos cinemas de rua,** capitaneado pela RioFilme. **Seu presidente, Leonardo Edde, fala ao Correio dos planos da empresa municipal que zela pela saúde audiovisual dos cariocas** para reanimar salas de exibição pelas Zonas Norte e Oeste. Págs. 2 e 3

ENTREVISTA | **LEONARDO EDDE**

PRESIDENTE DA RIOFILME

‘A memória se perde a partir da indiferença, não do esquecimento’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Dividido até quarta-feira entre sessões de “Feito Pipa” (às 16h e às 18h) e a projeção de “100 Dias” (às 20h), a sala de exibição mais tradicional da cidade, o Odeon, reabriu suas portas no último dia 29, para se colocar à disposição da cinefilia carioca, graças ao empenho da RioFilme. É um desejo dela (re)aparelhar a geografia audiovisual carioca, revivendo templos (da imagem) que vão da Cinelândia aos confins do subúrbio. Leonardo Edde, o diretor-presidente dessa empresa pública estatual (que sonha a 24 quadros por segundo), é um dos artífices desse projeto para acender telas nos mais variados cantos das Zonas Norte e Oeste. Produtor com quase 30 anos de experiência no setor, sócio da Urca Filmes, onde surgiu o fenômeno “Nosso Sonho” (2023), ele hoje lidera ações voltadas à revitalização do nosso parque cinematográfico. Reviver Cinema é uma iniciativa com verbo de (luz, câmera e) ação.

Nesta entrevista, Edde celebra espaços do passado para construir um futuro à luz da poesia.

> “Produzir é fundamental, mas as obras também precisam ser distribuídas, chegar ao povo através das salas de cinema, dos festivais e mostras, dos cineclubes, e encontrar o público”

Como conciliar a preservação da memória – via o resgate do Odeon - com as exigências de um equipamento cultural contemporâneo?

Leonardo Edde - A memória só é preservada a partir da sua exposição e democratização, pois ela se perde a partir da indiferença, e não do esquecimento. Preservar um cinema histórico é manter viva a identidade daquele espaço e, ao mesmo tempo, dar a ele condições reais de funcionar hoje: boa projeção, bom som, acessibilidade, segurança, conforto e uma programação capaz de trazer o público de volta. O Odeon é um bom exemplo. Estamos falando de um cinema que completou cem anos e que faz parte da memória do Rio. Mas ele só continuará vivo se tiver sessões regulares, preço acessível, público e uma operação sustentável.

Como foi retomá-lo?

Sua retomada comercial foi possível graças à parceria entre a Prefeitura, por meio da RioFilme e da Secretaria Municipal de Cultura, e o Grupo Severiano Ribeiro/Kinoplex, proprietário do cinema. E o Reviver Cinema não quer apenas reabrir a sala, mas comprovar que uma sala de cinema de rua funcionando traz maior senso de pertencimento, segurança e autoestima para o território. O Odeon era a peça que faltava para a completa revitalização da Cinelândia, dentro do programa Circuito Cultural Cinelândia. Cada espaço terá de encontrar seu próprio modelo, respeitando as vocações do equipamento, e as particularidades do público do território.

De que forma isso será realizado?

Na maioria dos casos, a ideia é tratar como um Centro de Convivência, onde a população possa se encontrar e se entreter, aproveitar os serviços oferecidos - um ponto de encontro que poderá reunir cinema, teatro, exposições, gastronomia, eventos, serviços da prefeitura e atividades de formação. O importante é que o equipamento tenha uso cotidiano, dialogue com o bairro e não dependa apenas de eventos especiais. Patrimônio vivo é patrimônio frequentado.

Qual é o estágio do Cine Matilde, do Cine Vaz Lobo e do Cine Costinha?

Os três fazem parte da segunda fase do Reviver Cinema e já foram chancelados pela Prefeitura. São projetos maiores e mais complexos, porque envolvem desapropriação, levantamentos técnicos, projetos arquitetônicos, orçamento e obras estruturais. Nossa previsão é avançar nessas etapas a partir de 2027, dentro de um planejamento que vai até 2028. Ainda não é factível precisar uma data individual de entrega antes da conclusão desses dessas etapas. Desapropriação é um processo que demanda tempo, enquanto já estamos preparando os projetos arquitetônicos. O Cine Matilde, em Bangu, é o projeto que está mais detalhado conceitualmente.

Qual é o projeto lá?

A ideia é criar um equipamento com quase 500 lugares, distribuídos entre duas salas de cinema e um teatro, além de área de exposições, foyer, restaurante, um terraço e espaços de convivência. Bangu precisa de um equipamento com essa dimensão, capaz de atender o bairro com essa potência e ajudar a movimentar o entorno. Para se ter uma ideia, o Bangu Shopping conta com mais de 1,8 milhão de frequentadores todo mês.

E a sala de Vaz Lobo?

O Cine Vaz Lobo tem uma importância muito forte para a memória do subúrbio. Além disso, em uma área de 0,5km2, há em torno de sete mil pessoas, o que dá a dimensão do potencial de frequentadores quando o equipamento estiver aberto. O projeto prevê um espaço multiuso - cinema, teatro, educação, preservando a identidade do antigo cinema e dando ao espaço novas possibilidades de uso.

Como fica a sala que leva o nome do inesquecível Costinha?

No Cachambi, o projeto do Cine Costinha prevê duas salas com capacidade total para 266 pessoas, recuperando um ícone da região, e conectando com o polo gastronômico, aprovado pela Câmara dos Municipal em 2021, o Polo Gastronômico e Cultural do Baixo Cachambi.

O que esse resgate representa?

Trazer de volta os equipamentos culturais históricos para as Zona Norte e Oeste é uma prioridade para a Prefeitura, levando em conta importância histórica, as condições do prédio, a situação jurídica, e, principalmente, o impacto que o equipamento pode ter nos territórios. As zonas Norte e Oeste têm uma população enorme e ainda contam com uma oferta cultural muito menor do que já tiveram.

A RioFilme pretende estabelecer uma política permanente de recuperação dos cinemas de rua?

Esse é justamente o objetivo do Reviver Cinema. Não queremos que cada reabertura seja uma ação isolada, anunciada com festa e depois esquecida. Estamos organizando uma política continuada, uma rede de cinemas de rua que possa, por fim, revitalizar os territórios, elevar autoestima, gerando pertencimento, emprego e renda no local. A RioFilme fez um mapeamento dos cinemas que ainda funcionam, dos que estão fechados, dos imóveis tombados e daqueles que hoje têm outro uso. A terceira fase do programa será construída a partir desse levantamento. Há outros antigos cinemas sendo estudados, como o Guaraci, em Rocha Miranda, e o Tijuca Palace, além de imóveis em Campo Grande e no Centro. Mas antes de incorporar qualquer espaço ao programa, precisamos saber se a recuperação é juridicamente possível, quanto irá custar, o uso adequado àquele bairro e como o equipamento será mantido depois de pronto. A obra é só uma parte da questão. Um cinema reaberto precisa de programação, público e ligação com a comunidade. Por isso, o Reviver Cinema se conecta a outros programas da cidade, como eventos e mostras, a Semana de Arte do Rio, o CineCarioca+, que articulam circulação de filmes, eventos e forma-

Produtor com quase 30 anos de experiência no setor, Leonaro Edde lidera ações voltadas à revitalização do nosso parque cinematográfico com o rpojeto Reviver Cinema

Projeto prevê o restauro e gestão de salas de exibição, sobretudo nas zonas Norte e Oeste da cidade. O tradicional Cine Odeon tornou-se carro-chefe e vitrine da iniciativa

Divulgação



ção de público nos equipamentos da cidade. Queremos ouvir quem mora nesses bairros, os movimentos culturais e as pessoas que preservam a memória desses cinemas durante tantos anos.

Qual será o papel dos editais nesse processo?

Antes de começar, vale ressaltar que os editais devem ser um meio de potencializar as políticas, e não o seu fim. Essa é a lógica da nossa gestão - editais são catalisadores de políticas, com objetivo de multiplicar investimentos e conectar iniciativas. Alguns editais da RioFilme e da Secretaria Municipal de Cultura já refletem essa visão. Temos por exemplo, dentro do nosso edital de Apoio à Ações Locais Cineclubes, a linha de Implantação de Cineclubes em Arenas e Areninhas, que beneficia cinco projetos a serem realizados em equipamentos da Secretaria Municipal de Cultura. A política audiovisual precisa olhar para todo o seu ecossistema. Produzir é fundamental, mas as obras também precisam ser distribuídas, chegar ao povo através das salas de cinema, dos festivais e mostras, dos cineclubes, e encontrar o público. Por outro lado, estas salas também precisam de programação e de consumidores.

Como fazer isso?

Os editais da RioFilme já contemplam uma pluralidade de linhas, conectando todo o ecossistema do audiovisual na cidade, formando público e fomentando a circulação dos conteúdos. Curtas-metragens, web séries, mostras, festivais, cineclubes e participação em mercados e festivais. Outras etapas do programa abrangem longas, séries, documentários, desenvolvimento, distribuição e atração de produções para a cidade. Aliado a essas iniciativas, o Cinesaberes é um programa inédito de compra e distribuição de ingressos na rede pública de ensino para a experiência nas salas de cinema. São recursos do orçamento da cidade, aliados a investimentos privados nacionais e estrangeiros, e recursos federais. Nosso compromisso é ampliar a atração de recursos financeiros para a cidade.

> *"As zonas Norte e Oeste têm uma população enorme e ainda contam com uma oferta cultural muito menor do que já tiveram"*

Que instrumentos existem para as salas de rua?

No caso específico dos cinemas de rua, há vários instrumentos possíveis: investimento na recuperação física, apoio à programação, acessibilidade, circulação de filmes brasileiros e ações de formação de público e sustentabilidade das salas. As peças estão todas construídas, o estudo e planejamento definirão como será montado esse quebra-cabeça. O que posso afirmar é que formação, criação, produção, distribuição e exibição sempre precisam conversar. É um ciclo. Se cada área for tratada separadamente, o resultado fica incompleto.

O que a RioFilme prepara para 2027?

Muito trabalho, disso você pode ter certeza! Nossa gestão é estruturada em três grandes pilares, todos regidos pela visão de território: investimentos, formação e infraestrutura. Atrair e reter mais investimentos nos territórios, com a criação, produção e filmagem de obras de todo tipo, qualificando a gestão e a mão de obra criativa e técnica dos locais, fomentando os equipamentos que recebem estas obras, eventos e mostras. No Reviver Cinema, as entregas da Fase 1 estarão concluídas ainda em 2026. São elas: Sala 2 do Cine Santa com 50 lugares, Reabertura do Odeon com programação comercial regular, e modernização do CineCarioca Nova Brasília com equipamentos de última geração. Em 2027 a RioFilme não para. Pelo contrário, intensifica os trabalhos, buscando sustentabilidade na atração do público para os equipamentos já entregues, além de avançar na Fase 2 do programa com os Cine Matilde, Vaz Lobo e Costinha. Avançando nos processos de desapropriação, construção do projeto arquitetônico, e avanço nas etapas de estruturação físico-financeira dos projetos. Em paralelo, aprofundar o mapeamento da Fase 3. Trata-se de um monitoramento constante e perene, mirando os territórios e seu desenvolvimento a partir de oportunidades encontradas.

E no fomento?

No fomento, manteremos uma atuação ampla, mas respeitando as vocações e particularidades de cada setor. O ciclo produtivo seguirá sendo atendido com uma visão holística, de ecossistema industrial, plural e diverso. Desenvolvimento, produção, distribuição, exibição, festivais, cineclubes, formação e atração de produções. Para isso, continuaremos trabalhando com recursos municipais e buscando ampliar a parceria com o Ministério da Cultura, a Ancine e o Fundo Setorial do Audiovisual, além dos investimentos dos agentes privados. Utilizar mecanismos como Funcines, Arranjos Regionais, e programas transversais aos órgãos da Prefeitura, seguirão sendo nosso norte para multiplicar e potencializar os investimentos da cidade. O compromisso é manter a continuidade da política e fazer com que os recursos cheguem a diferentes segmentos e territórios da cidade. Programas como Cinesaberes - compra e distribuição de ingressos para as escolas públicas -, FilmAÊ - formação de audiovisual nas comunidades -, Rio em Todas as Telas - exibição de filmes em todas as regiões e telas do Rio, seguirão crescendo e auxiliando o ciclo virtuoso da política pública na cidade.

Como a experiência como produtor influencia sua visão da política pública? E qual será o lugar do produtor Leonardo Edde?

Nossa política pública precisa chegar ao povo. Esse foi o maior aprendizado que tive nesses 30 anos de profissão. Tudo que fazemos no cinema e no audiovisual também é para a sociedade - nossa meta final. Somos um meio para que as histórias cheguem como entretenimento ao público, e, por outro lado, para que a sociedade também possa contar sua história. Como produtor, conheço bem o caminho de um projeto desde a primeira ideia até o momento em que o filme chega (ou não) ao seu público. Isso influencia muito a minha atuação na RioFilme. A visão sistêmica dessa indústria, a partir de um olhar dos territórios, gera um potencial dínamo de desenvolvimento e circulação da cultura que tende a se multiplicar com o tempo. Aliada a controle e transparência, previsibilidade, e gestão firme e segura, a política pública busca a sustentabilidade e perenidade. Minha experiência privada me ajuda a enxergar o audiovisual em suas três dimensões: Simbólica / Artística; Cidadã e inclusiva, geradora de diversidade de oportunidades de alto valor agregado; Atividade Econômica, uma das cadeias que mais potencializa o desenvolvimento econômico dos países. É um setor que gera emprego, renda, formação profissional, identidade e projeção da imagem da cidade e do seu povo. Não deixo de ter o olhar de produtor. Como também nunca deixei de ter olhar para o bem público. É parte da minha formação. Nosso trabalho, seja no ambiente privado ou no público, deve mirar a produção de valor e riquezas. Para todos, sem exceção!

Planeta **Kopenawa**

‘Sonhar a Terra-Floresta’, de Tainá De Luccas e Marco Altberg, chega ao circuito, com sessão na ABL, ampliando o espaço do xamã no planisfério audiovisual brasileiro

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Divulgação



David Kopenawa dá nome e alma ao .doc ‘Sonhar a Terra-Floresta’, um abraço nas ancestralidades dos povos originários



‘A Queda do Céu’ estreou em Cannes e ganhou um par de troféus no festival do Rio

Há uma sabedoria indígena que o Brasil ainda não aprendeu a escutar na dimensão que ela merece. E talvez tenha chegado a hora de a síntese viva desse saber, o xamã Davi Kopenawa Yanomami, ganhar um lugar mais permanente no circuito audiovisual brasileiro. Respeitado como filósofo, escritor e liderança intelectual dos povos originários, ele ocupa hoje, nas telas (as variadas telas) um papel para além do de personagem das pautas ambientais e para (muito) além figura exótica a ser apresentada ao espectador urbano.

Seu lugar é o de pensador de uma civilização que tem muito a ensinar, sobretudo num momento em que a Humanidade parece empenhada em destruir as condições de sua própria sobrevivência. Essa é a discussão que chega ao circuito exibidor com “Kopenawa: Sonhar a Terra-Floresta”, documentário dirigido por Marco Altberg e Tainá De Luccas, que terá uma sessão especial na Associação Brasileira de Letras (ABL), no Rio, na terça-feira (17), com a presença de Ailton Krenak e dos realizadores. A estreia comercial está marcada para o dia 26.

A chegada do filme vem bem acompanhada por movimentações em outras latitudes. “A Queda do Céu”, de Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha, centrado em Davi, está na Netflix. Em 2024, esse documentário levou ao planisfério cinéfilo a cosmologia Yanomami a partir do livro homônimo escrito pelo xamã em parceria com o antropólogo francês Bruce Albert. Selecionado para a Quinzena dos Cineastas do Festival de Cannes, o longa encontrou no ritual Reahu, realizado na comunidade de Watoriki, uma forma de traduzir a relação entre os Yanomami, seus mortos, os espíritos xapiri e a floresta. Não se trata de ilustrar uma tese ambiental, mas de permitir que outra concepção de mundo organize a narrativa. O (merecido) reconhecimento internacional veio em forma de uma trajetória expressiva: o filme passou por cerca de 80 festivais e conquistou 25 prêmios, entre eles o Grande Prêmio do Júri da competição Kaleidoscope do DOC NYC, nos Estados Unidos; o Prêmio Especial do Júri do DMZ Docs, na Coreia do Sul; distinções de direção de documentário e som no Festival do Rio; além de troféus no Festival Internacional de Cinema de Guanajuato e no DocLisboa. Em 2025, também recebeu três prêmios da Associação Brasileira de Cinematografia, nas categorias de fotografia, montagem e som. É uma coleção de reconhecimentos que confirma a potência estética de uma produção cuja importância ultrapassa as fronteiras do cinema.

A circulação de “A Queda do Céu” ajudou a abrir uma janela para um pensamento que não pode ser confinado às páginas do libro de Kopenawa ou às discussões acadêmicas sobre a Amazônia. Em suas imagens, o xamã fala da invasão de territórios, do garimpo ilegal, da contaminação dos rios, das epidemias e da crise climática, mas sua reflexão vai além da denúncia. O que ele questiona é o próprio modelo de existência de uma sociedade que transforma tudo em mercadoria.

“Documentário e ficção se entrelaçam aqui numa mesma chave, numa encruzilhada, pois a linguagem dos Yanomami não faz as distinções que fazemos. Ela entrelaça os saberes”, observou Gabriela em reflexão ao Correio da manhã

É justamente aí que “Kopenawa: Sonhar a Terra-Floresta” encontra sua razão de ser. Construído a partir de entrevistas realizadas em diferentes momentos da trajetória do líder Yanomami, o documentário recupera a formação de sua consciência política, sua atuação como xamã e sua transformação numa voz internacional em defesa da floresta e dos povos originários. Ailton Krenak, Claudia Andujar, Gilberto Gil, José Celso Martinez Corrêa, Bruce Albert e Camila Pitanga estão entre os participantes. A montagem aproxima diferentes gerações e experiências, mas preserva Kopenawa como narrador de si mesmo e de seu povo.

Marco Altberg, que divide a direção com Tainá De Luccas, tem uma percepção muito clara do papel que o cinema pode exercer nesse encontro. “Com ele, a gente aprende a fazer arte ligada à Natureza, na qual ele é o narrador de si mesmo. A gente conhece vários mitos da Europa, mas desconhece a realidade dos povos originários. Queria levar às telas, com a Tainá, um filme que fizesse as pessoas saírem da sala informadas e entretidas”, afirma o cineasta.

É sempre importante ouvir o que Altberg tem a sugerir, seja nas dicas de filmes e séries que transmite em seu canal, o Like, seja nas reflexões sobre a luta política do cinema brasileiro diante das hegemonias estrangeiras e da falta de regras para a atuação das plataformas internacionais de streaming. Produtor de trajetória extensa, ele também é um realizador de olhar atento às alianças que sustentam a vida brasileira. Basta lembrar de “Prova de Fogo” (1980), “Aventuras de um Paraíba” (1982) e “Fonte da Saudade” (1986), filmes que investigam, cada qual a seu modo, as formas de resistência e solidariedade construídas por gente comum. Em “Kopenawa: Sonhar a Terra-Floresta”, sua parceria com Tainá De Luccas desloca esse olhar para uma dimensão ancestral, na qual a própria natureza deixa de ser cenário e passa a ser sujeito.

A existência de outros títulos disponíveis em plataformas ajuda a dimensionar o espaço que esse cinema precisa conquistar. “A Flor do Buriti”, de João Salaviza e Renée Nader Messora, também está na Netflix e oferece uma experiência fundamental sobre a memória, a resistência e a continuidade histórica do povo Krahô.

Cauã Reymond abre portas em Hollywood

Brasileiro estreia nas séries americanas na segunda temporada de 'Tudo É Justo', ao lado das estrelas Glenn Close e Naomi Watts

PEDRO SOBREIRO

Divulgação/ Disney



A atuação de Cauã Reymond vem sendo elogiada pela crítica especializada na segunda temporada da séria 'Tudo É Justo'

Em 2025, em meio a críticas negativas da imprensa internacional, a Disney trouxe ao Rio de Janeiro as estrelas de "Tudo É Justo", Kim Kardashian, Naomi Watts, Sarah Paulson e Niecy Nash, para uma noite de gala no Copacabana Palace. A série de Ryan Murphy não era muito querida lá fora, mas acabou criando um laço interessante com o Brasil, onde teve grandes números no Disney+. Por isso, quando confirmaram a segunda temporada com a presença do galã brasileiro Cauã Reymond, o público daqui ficou ainda mais curioso para ver o que viria nessa nova aventura das advogadas mais afiadas de Los Angeles.

Em meio aos roncos dos motores do GP de Fórmula 1 de São Paulo, o Correio da Manhã entrevistou Cauã para saber mais sobre os bastidores de sua estreia na série americana nesta nova temporada. Na trama, o ator dá vida a Raul Ortiz, um ex-agente das Forças Especiais brasileiras que começa a trabalhar como guarda-costas de Allura (Kim Kardashian). O trabalho do ator vem sendo elogiado mundo afora. Para Cauã, é algo muito gratificante.

"Poxa, eu fico lisonjeado. Eu fui contactado pela equipe do Ryan Murphy para fazer um teste, eu fiz um, fiz um segundo teste, fiz um terceiro teste e aí, depois desse processo, me falaram que que eu ia fazer uma participação na série. Eles gostaram do meu trabalho e falaram que eu estava convidado. Aí rolou e foi incrível", descreve.

Divulgação/ Disney



Na nova temporada, Cauã dá vida a Raul Ortiz, um ex-agente das forças especiais brasileiras que trabalha como guarda-costas de Allura (Kim Kardashian)

> *"Fui contactado pela equipe do Ryan Murphy para fazer um teste, eu fiz um, fiz um segundo teste, fiz um terceiro teste e aí, depois desse processo, me falaram que que eu ia fazer uma participação na série. Eles gostaram do meu trabalho e falaram que eu estava convidado. Aí rolou e foi incrível"*
>
> **CAUÃ REYMOND**

Para Cauã, esse olhar do mercado estrangeiro para os artistas brasileiros passa pelo momento dourado que vive o cinema nacional mundo afora. "É muito bom ver os nossos talentos trabalhando não só no Brasil, mas fora do país também. A gente viu nesses últimos dois anos. Tivemos dois atores nossos indicados ao Oscar, projetos aprovados lá fora... Então, eu fico muito feliz em poder fazer parte desse movimento", comenta.

O papel é marcado por muito bom humor e coloca o rapaz no centro de várias "lobas", já que a sexualidade é um dos principais temas da saga de Ryan Murphy. E o mais legal é que essas situações cômicas, e muitas vezes exageradas, são construídas junto a um elenco multipremiado, que conta com atrizes de peso, como Glenn Close e Naomi Watts.

Para Cauã, o maior aprendizado em trabalhar com essas estrelas foi perceber que o profissionalismo brasileiro está em pé de igualdade com o das séries estrangeiras, apesar da grande diferença de orçamentos. "Nosso profissionalismo e talento são tão grande quanto o deles. Percebi que a gente tecnicamente também tem uma indústria muito, muito talentosa e com com muita capacidade. Só que a gente ainda tem uma diferença orçamentária diante do tamanho da indústria lá", compara.

"Quando eu falo em indústria, não falo só da norte-americana, mas dos projetos feitos na língua inglesa. O orçamento entra no set de um jeito que permite a gente repetir mais vezes a cena, filmá-la por ângulos diferentes... Além de um orçamento obviamente muito maior para o figurino. As meninas estão sempre impecavelmente vestidas, cada uma tem um figurino mais bonito, mais impactante que a outra", acrescenta.

A reportagem compartilhou com o ator uma curiosidade. Há 10 anos, quando ele lançava o western nacional "Reza a Lenda", Cauã foi o primeiro artista que entrevistei. Vivendo essa nova fase, pedi que o ator refletisse sobre como sua carreira mudou nessa última década.

"Que maneiro isso. Cara, mudou muito. Naquela época, eu estava construindo um lugar de produtor no cinema, e acho que de lá para cá, consegui fazer outras produções. Estreei como criador e idealizador numa série de TV de muito sucesso nesse ano, que eu tenho muito orgulho ["Jogada de Risco"]. E venho acumulando papéis interessantes na televisão. Agora vem esse novo passo, essa nova porta que se abre e que abre novas possibilidades, novas trocas no mercado internacional. Então, eu vejo que venho construindo, graças a Deus, uma carreira muito sólida, da qual tenho muito orgulho, porque trabalho muito e trabalho duro. Venho me preparando para essas novas possibilidades, tão boas quanto diferentes, e preciso estar pronto para poder abraçar da melhor maneira possível essas oportunidades", explica o ator.

E um desses preparos foi também o maior desafio que Cauã precisou dominar para a 2ª temporada de "Tudo É Justo": atuar em outro idioma. "O maior desafio desse papel talvez tenha sido trabalhar pela primeira vez em outra língua. E isso me trouxe um nível de concentração, um nível de estudo, um nível de compreensão da língua, que eu já estudava, mas obviamente precisei dar um gás nesse momento. Sou muito grato aos meus professores, o professor Leandro, da PUC Rio, e a minha professora lá em Nova York. Eles realmente me deram a mão e estiveram comigo nos momentos que, às vezes, podia ter uma mudança de texto, e eles abriram a agenda para a gente poder trabalhar. Sou muito grato", revela.

Desastres da mineração vêm à superfície

Mostra reúne cinema, fotografia e teatro em torno da temática da exposição 'Zona de Sacrifício'

Jardiel Carvalho/Divulgação



A peça 'Zona de Sacrifício' inspira-se na exposição homônima da fotógrafa mineira isis Medeiros

O Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP/Iphan) recebe na terça-feira (17) a mostra "Em cena: um Brasil em disputa", com programação gratuita que reúne cinema, fotografia e debate sobre os impactos da mineração no país. As atividades acontecem no Museu de Folclore Edison Carneiro e no Teatro Cacilda Becker, no Catete, e se estendem até quarta-feira.

Pela manhã, a partir das 10h, o público assiste a curtas-metragens, entre eles "Chico", dirigido por Isis Medeiros, "O maior trem do mundo", de Julia Pontes, "Desenvolvimento a ferro e fogo", realização do iBase30, e "Treliça", realização do PACS, com direção de Neto de Oliveira. Às 13h30, começam os longas-metragens. "Lavra", de Lucas Bambozzi, tem 100 minutos de duração. Também integra a programação a sessão especial de pré-estreia de "Cacimba", de Rodrigo Campos, com 87 minutos, sobre disputas no Quilombo do Baú.

Os filmes tratam de temas que atravessam o debate sobre a mineração. O documentário "Cacimba" acompanha conflitos no quilombo do Baú. Já o curta "Treliça", de Neto de Oliveira, aborda os danos à saúde e ao ambiente provocados pela poluição da siderúrgica TKCSA, na Baixada Fluminense. Segundo a organização, a programação atualiza o debate sobre os efeitos da extração de lítio no Vale do Jequitinhonha e também olha para desastres anteriores, como os de Brumadinho e Mariana, em Minas Gerais, e Santa Cruz, no Rio de Janeiro.

Às 17h30, a roda de conversa reúne Rafael Barros, do CNFCP, a fotógrafa Isis Medeiros, Joana Corrêa, do Movimento pelas Águas do Serro e Santo Antônio do Itambé, e o diretor Lucas Bambozzi, de "Lavra". Na sequência, às 18h30, é lançado o catálogo da exposição "Zona de Sacrifício: do ouro ao pó".

Divulgação



Cena do documentário 'Cacimba', de Rodrigo Campos

A publicação registra e amplia a exposição de Isis Medeiros, que está em cartaz na Galeria Mestre Vitalino, no Museu de Folclore Edison Carneiro, e recebeu cerca de 30 mil visitantes desde julho. Reúne fotografias, textos, reflexões de professores e pesquisadores e relatos de moradores. Segundo a fotógrafa, a intenção é aprofundar a pesquisa e, no futuro, produzir um livro com a documentação. A mostra fotográfica pode ser visitada até 22 de novembro.

A fotógrafa, documentarista e fotojornalista mineira vem acompanhando desde 2022 a mineração de lítio no Vale do Jequitinhonha, região que concentra 85% do lítio produzido no Brasil. Antes, havia trabalhado sobre a tragédia de Brumadinho. Autora do fotolivro "15:30", sobre o rompimento da barragem da Samarco/Vale-BHP em Mariana, ela afirma que a fotografia tem papel central na construção da memória coletiva. "Publicar essas histórias é também uma maneira de impedir que elas sejam apagadas", diz.

Na visão da pesquisadora Ana Carolina Nascimento, coordenadora técnica de Pesquisa e Projetos Especiais do CNFCP, a programação foi pensada em diferentes linguagens para sensibilizar o público carioca sobre os impactos da mineração nas comunidades, na saúde das pessoas, nas condições de moradia e nas práticas culturais. A programação se realiza no mês da Consciência Negra, lembra ela, data dedicada à celebração do patrimônio cultural das populações negras e à luta contra as ameaças enfrentadas por esses grupos.

Na quarta-feira, a mostra se encerra no Teatro Cacilda Becker, às 19h, com a apresentação do solo "Zona de Sacrifício", da atriz, diretora e performer Carolina Correa. A peça, com direção de Lara Duarte e dramaturgia dividida com João Borges, é uma investigação cênica sobre as consequências da mineração e une dança, teatro e performance em três movimentos. Carolina Correa explica que o trabalho nasce de Nova Lima, cidade mineira onde, segundo ela, os sons de sirenes avisam sobre possíveis rompimentos de barragens de rejeitos. Será a primeira vez que o solo é apresentado no Rio.

SERVIÇO

EM CENA: UM BRASIL EM DISPUTA

17/11, a partir das 10h, com roda de conversa (17h30) e lançamento de catálogo (18h30) no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (Rua do Catete, 179)

18/11, às 19h, apresentação do solo 'Zona de Sacrifício' no Teatro Cacilda Becker (Rua do Catete, 338)

Grátis

Depois do verde vem o ‘Vermelho’ maduro

Neta de Beto Guedes estreia com disco gravado em poucos takes, sem retoques, e que remonta a sonoridades além de seu tempo

Divulgação



Isabella Moriconi/Divulgação



‘Álbum Vermelho’, primeiro disco de Julia Guedes, chega ao mercado com participações de Wagner Tiso, Luiza Brina e Tori

AFFONSO NUNES

Neta de um dos símbolos da Clube da Esquina, Julia Guedes esbanja maturidade em seu disco de estreia. Lançado pelo selo Dobra Discos, “Álbum Vermelho” reúne 12 faixas, 11 delas autorais e uma regravação de “A Página do Relâmpago Elétrico”, parceria do vô Beto com Ronaldo Bastos, e quem tem seu pai, Gabriel, pilotando as teclasa do sintetizador.

O álbum foi produzido por Julia ao lado de Antonio Neves, com coprodução de Paulo Emmery. Ela também assina a direção criativa, a direção de arte e o design do disco. A gravação seguiu o caminho analógico, com registros feitos em muitos casos na primeira tomada e sem retoques digitais de edição. Foram cerca de dez dias de gravação. A artista afirma ter levado quatro anos para concluir o trabalho.

O trabalho tem as participações de Wagner Tiso, que assina o arranjo de cordas de “Zóim”; a cantora e compositora mineira Luiza Brina produz e arranja “Sus Mareas”; e a maranhense Tori participa de “Estranha Nuvem”, dividindo a composição com Julia e integrando os coros ao lado de Dora Morelenbaum. O disco abre com “Vermelho Sem Nome”, um rock que, nas palavras de Julia, traduz a sensação de que a cidade ficou pequena para ela.

“Todo o álbum vem de um desespero, de certa forma, de reafirmar que também é um lugar possível para mim”, explica a artista, impregnada pela espontaneidade. “Foi urgente, foi romântico, foi visceral, foi apaixonado, foi revolucionário, foi impactante”, assinala.

O disco é íntimo e coletivo sem que esses territórios se choquem. Musicalmente, Julia demosntra maturiuade e segurança ao trabalhar com MPB, pop, jazz, rock progressivo e até tango, uma marca dos músicos de sua geração: a canção sem rótulos ou fronteiras. Sem contar a atmosfera vintage de um trabalho sem retoques digitais.

Julia Guedes é uma artista que já dá mostras de que veio para e oxalá que este “Álbum Vermelho” seja o primeiro passo de uma jornbada artística de respeito.

UNIVERSO SINGLE

POR **AFFONSO NUNES**

Divulgação



Encontro inédito

Alaíde Costa e Emicida acabaram de lançar o dueto “Só Por Isso Eu Vim”, a primeira gravação em que as vozes dos dois aparecem juntas. O single antecipa “Meu Vício na Dor de Amar Demais”, álbum que fecha a trilogia de discos produzidos para a cantora por Marcus Preto, Pupillo e Emicida. A primeira metade da canção estava guardada por Alaíde havia décadas, sem uma segunda parte que a completasse. Marcus Preto registrou a cantora com o celular, em festas e restaurantes, e enviou a gravação a Emicida, que escreveu a resposta.

Divulgação



Sob o signo do amor

Baco Exu do Blues e Marina Sena lançam “Mon Amour”, single inédito que marca o primeiro encontro em feat entre duas das vozes mais influentes da nova música brasileira de sua geração. O título em francês traduz a ideia central da música: o amor como uma língua que nem sempre se domina. Baco conta que, quando sua parte ficou pronta, pensou na voz de Marina no refrão. “Tem uma questão latina nos timbres desse som que eu acho que ninguém conseguiria fazer tão bem quanto ela fez”, diz ele. Produção de Dactes e direção musical de Marcelo de Lamare.

Divulgação



Dueto para João do Vale

A cantora maranhense Flavia Bittencourt disponibiliziu nas plataformas digitais “Dói Dói”, canção inédita com participação especial de Geraldo Azevedo, que é também autor da música ao lado de Abel Silva. O xote foi feito em homenagem a João do Vale e chega com videoclipe. A faixa é a segunda apresentada de “Origens”, novo álbum da cantora, e fala da inquietude e da dor depois de uma separação. “Essa música carrega uma homenagem a João do Vale, um dos maiores representantes da cultura maranhense”, diz ela.

SEGUNDA **NO 2**



por **FERNANDO MOLICA**

O ressentimento presente de Paulo Honório

Na noite da última quinta-feira, na Janela Livraria de Laranjeiras, descobri que em junho passado, em uma dessas crônicas publicadas às segundas, fiz uma tabelinha tardia com o amigo Sérgio Rodrigues, escritor e jornalista.

No lançamento de seu novo livro, "Esse estranho agora" (Arquipélago), ele, provocado pelo mediador, Alvaro Costa e Silva, o Marechal, referiu-se a um artigo incluído na coletânea e que foi originalmente publicado em 2020, em meio à pandemia, na Folha de S. Paulo.

Nele, identifica em Paulo Honório, o fazendeiro protagonista de "S. Bernardo", de Graciliano Ramos, características de um comportamento político que, 86 anos depois da publicação do romance, mandava e desmandava em um país que não parava de contar e chorar seus mortos:

"Paulo Honório cava com violência miliciana um caminho de ascensão social numa zona rural em que a lei, embora presente, é formal e moldável pelos vencedores".

Na trama, o protagonista se deixa torturar pela incapacidade de conviver com a mulher, a professora Madalena, que, como observou o cronista, "trata bem os empregados da fazenda, escreve artigos para um jornal de província e tem ideias 'comunistas'".

Palavra que não tinha lido o texto do Sérgio quando, por aqui mesmo, citei "S. Bernardo" ao tratar de outro romance de Graciliano, "Angústia". Falei dos impasses de Paulo Honório, que identificava em Madalena uma espécie de ameaça; ela representava uma alternativa à brutalidade do marido.

Vi em Luís da Silva, protagonista de "Angústia" (livro lançado dois anos depois de "S. Bernardo"), uma renovação dos impasses do fazendeiro e, ao mesmo tempo, uma antecipação da opressão que Fabiano, de "Vidas secas", identificaria no soldado amarelo.

Valter Campanato/Agência Brasil



Em texto publicado em seu novo livro, Sérgio Rodrigues trata do protagonista do romance "S. Bernardo".

O olhar de Sérgio para "S. Bernardo" abre ainda mais as possibilidades de ver no romance uma espécie de oráculo; os impasses de Paulo Honório antecipam o ódio

Na conversa imaginária entre nossos textos, Sérgio (não dá para chamar de Rodrigues um sujeito que conheço desde a faculdade), foi mais fundo no aspecto político.

Na livraria, chamou Graciliano de visionário por ter, lá nos anos 1920, percebido e registrado o potencial destrutivo da amargura e do rancor. Em sua crônica, Sérgio ressalta que "S. Bernardo" "encapsula a história da formação socioeconômica do Brasil":

"Espero não tirar de ninguém o prazer de descobrir por si mesmo como Paulo Honório, sujeito autoritário e chucro, mas astuto e ambicioso, desgraça sua vida por puro ressentimento", ressalta no texto.

Frisa que o protagonista, ao se casar com Madalena, tentou, inutilmente, adaptar-se à ela. Embora tenha ideias modernizantes para a fazenda, ele é incapaz "de dar o passo seguinte no caminho das elites", o que implicaria apagar as marcas do passado "e aplicar um verniz humanista sobre a truculência, como forma de naturalizar e perpertuar a dominação".

O olhar de Sérgio para "S. Bernardo" abre ainda mais as possibilidades de ver no romance uma espécie de oráculo; os impasses de Paulo Honório antecipam o ódio pelo prazer e pelo conhecimento que, adorados pelo avesso, precisam ser atacados, agredidos e, mesmo, mortos.

A repulsa a Madalena ajuda a compreender a mesma raiva que hoje mobiliza tanta gente contra a atuação afirmativa de mulheres: "O meu desejo era pegar Madalena e dar-lhe pancada até o céu da boca", confessa Paulo Honório.

Preciso, Sérgio encerrou nossa conversa virtual com uma estocada, com a frase com que conclui a crônica (intitulada "O ressentimento será sua ruína"). Depois de mais um gole em um chope imaginário, declara que, na visão do protagonista do romance, melhor seria levar a fazenda à ruína do que reinventá-la em pauta civilizada: "Paulo Honório foi um precursor do bolsonarismo".